

DECADÊNCIA IDEOLÓGICA, CRISE DOS PARADIGMAS E OS IMPACTOS NA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO

IDEOLOGICAL DECADENCE, PARADIGM CRISIS AND IMPACTS ON KNOWLEDGE PRODUCTION

Ednéia Alves Oliveira ¹

Patrícia da Silva Coutinho ²

Resumo

Este artigo objetiva discutir, não de forma exaustiva, a relação entre decadência ideológica, crise dos paradigmas e seu impacto para a pesquisa e produção do conhecimento. A metodologia utilizada consiste na pesquisa teórica e descritiva. Os resultados obtidos nos permitem considerar que atualmente, sobretudo no campo da pesquisa nas ciências sociais e humanas, a crise dos paradigmas reforça uma perspectiva conservadora e condizente com o pensamento burguês, em que se destacam a recusa da totalidade, da separação sujeito/objeto ou ainda da dicotomia teoria/prática e enfatizam a fragmentação, o pragmatismo e a subjetividade, redundando no ecletismo em que a presença de correntes distintas parecem conviver em harmonia.

Palavras-chave: decadência ideológica; crise dos paradigmas; produção do conhecimento; ecletismo.

Abstract

This paper aims to discuss, not exhaustively, the relationship between ideological decay, crisis of paradigms and its impact on research and knowledge production. The methodology used consists of theoretical and descriptive research. The results obtained allow us to consider that today, especially in the field of research in the social and human sciences, the crisis of paradigms reinforces a conservative perspective consistent with bourgeois thinking, in which the refusal of totality, subject/object separation or even the dichotomy theory/practice and emphasizes fragmentation, pragmatism and subjectivity, resulting in eclecticism in which the presence of distinct currents seems to live in harmony.

Keywords: ideological decay; paradigm crisis; knowledge production; eclecticism.

¹ Doutora em serviço social pela UERJ. Professora do curso de serviço social da Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF. Departamento de Política e Ação do Serviço Social. E-mail: oliveiraedneia21@yahoo.com.br.

² Doutoranda em Serviço Social pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Assistente social na Prefeitura de Juiz de Fora. E-mail: patriciacoutinhoss@gmail.com.

DECADÊNCIA IDEOLÓGICA, CRISE DOS PARADIGMAS E OS IMPACTOS NA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO

Introdução

O objetivo central deste artigo é introduzir um debate sobre a relação entre a decadência ideológica, a crise dos paradigmas³ e seus rebatimentos para produção do conhecimento, em especial nas ciências sociais e humanas. Trata-se de uma pesquisa teórica e descritiva, para sinalizar os fundamentos da pesquisa social e do conhecimento na sociedade capitalista hodiernamente. Acreditamos que as formas de conhecimento e o trabalho científico se apresentam cotidianamente aos pesquisadores, tendo como desafio a “superação” do senso comum, transpondo a racionalidade e a ideologia burguesa vigente.

O pensamento burguês, ao longo do seu processo de maturação, tende a construir uma perspectiva de ciência ancorada na neutralidade, pragmatismo e objetividade, recusando o conhecimento como integração do sujeito com o objeto, ou ainda negando a indissociabilidade entre teoria e prática. Nos últimos anos com a chamada “crise dos paradigmas”, assistimos a um avanço de teses irracionistas que reafirmam a tendência fragmentária e pragmatista do conhecimento. O resultado é a predominância do aspecto da subjetividade sobre a objetividade ou um reforço do tecnicismo em que se vislumbra uma pesquisa ancorada em aportes teóricos que negam os clássicos para de interpretar o presente.

Na produção do conhecimento estes novos paradigmas se farão notar na escolha dos métodos de análise da realidade. Se o marxismo e sua compreensão ontológica do ser social, não encontra mais lugar como método de análise, o caminho se volta para uma naturalização desta realidade, desprovida da relação de totalidade que implica na relação entre particular e universal. Ou seja, entre sujeito e objeto ou ainda da própria análise da dinâmica da produção capitalista e as implicações sobre os sujeitos sociais, recaindo na fragmentação, na análise micro, na particularidade desconectada da totalidade. O sujeito separa-se do objeto, o econômico do político, e termina por separar a teoria da prática.

2- Decadência Ideológica: a negação da totalidade como método de compreensão da realidade

³ A “crise dos paradigmas” é um conceito abordado na sociologia por diversos autores, e pode ser compreendida como o problema do conflito de “teorias, modelos ou paradigmas”. De acordo com Ianni (1991) “Fala-se na decomposição dos modelos clássicos e na obsolescência de noções como as de sociedade, comunidade, capitalismo, divisão do trabalho social, consciência coletiva, classe social, consciência de classe, nação, revolução. Critica-se a abordagem histórica, globalizante ou holística, e preconiza-se a sistêmica, estrutural, neofuncionalista, fenomenológica, etnometodológica, hermenêutica, do individualismo metodológico e outras. Considera-se que os conceitos formulados pelos clássicos já não respondem às novas realidades. Agora, o objeto da sociologia deveria ser o indivíduo, ator social, ação social, movimento social, identidade, diferença, cotidiano, escolha racional” (IANNI, 1991, p.95-96). Deste modo, desde a década de 1940, surgem críticas que explicitam esta problemática sociológica, em que seu objeto de análise e método é dialeticamente questionado, contrapondo visões clássicas e contemporâneas, individuais e coletivas, teoria e prática.

DECADÊNCIA IDEOLÓGICA, CRISE DOS PARADIGMAS E OS IMPACTOS NA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO

Assim como a luta de classes, a batalha ideológica é inerente a uma sociedade composta por classes sociais antagônicas. Desse modo, tanto na produção de ideias, categorias e conceitos, quanto na pesquisa e no conhecimento científico, existem transformações ideológicas. Georg Lukács (1978) é responsável por analisar o processo de decadência ideológica da burguesia, principalmente após a consolidação das importantes áreas do conhecimento como a sociologia, história, economia, filosofia, psicologia, dentre outras, como trataremos a seguir⁴.

O filósofo húngaro cita Marx ao retratar o momento de decomposição da economia política, indicando que em suas obras há uma vasta e sistemática crítica da “grande reviravolta política-ideológica de todo o pensamento burguês no sentido da apologética e da decadência” (LUKÁCS, 1992, p.111). Dessa forma, podemos destacar traços importantes nas grandes correntes sociais, políticas e ideológicas que determinaram essa “reviravolta” científica do período heroico da revolução burguesa, como a evasão da realidade, fugindo ao domínio da chamada “ideologia pura”; e a liquidação do materialismo e da dialética. De acordo com Lukács (2020, p.593) é no último quarto do século XIX que a ideologia burguesa entra em uma nova fase da apologética do capitalismo, em que “a teoria da harmonia da economia vulgar” e “a teoria do crescimento orgânico” na sociologia, revelaram-se insuficientes no embate contra as ideias socialistas, uma vez que é acirrado o recrudescimento das contradições do capitalismo e da luta de classes. Desse modo a desigualdade social, opressão e exploração são transfiguradas como “fatos naturais” ou “legalidades naturais”, inevitáveis e insuperáveis (LUKÁCS, 2020, p.594).

Portanto, a tendência geral dessa decadência ideológica resulta em uma fuga das contradições existentes na sociedade pelos “notáveis ideólogos burgueses”, para buscar compreender as verdadeiras forças motrizes da sociedade. As alterações na teoria social usurpada pelos “ideólogos burgueses” passam a utilizar de recursos teórico-metodológicos para explicar a realidade social no sentido de conservar a dinâmica econômica do capitalismo. Observa-se neste sentido que o crescente movimento operário ameaça o projeto burguês evidenciando os limites do projeto de sociedade até então vislumbrado. Ou seja, o capitalismo vai condicionando a luta de classes aos seus ditames, incorporando a demanda dos trabalhadores como demanda do próprio capitalismo, possibilitando a exploração e a subordinação dos mesmos a sua ideologia que passa a figurar como algo natural, inevitável e imutável.

⁴ Destacamos que nos estudos lukacsianos a categoria “decadência ideológica” representa o estado espiritual da burguesia após 1848.

DECADÊNCIA IDEOLÓGICA, CRISE DOS PARADIGMAS E OS IMPACTOS NA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO

Buscando assegurar o poder material e espiritual da sociedade, a burguesia impera através de uma narrativa encomiástica, não apenas negando as contradições sociais e econômicas da sociedade, mas também reafirmando a exploração como progresso, em que a liberdade civil usurpa a apropriação privada dos meios de produção. Com o desenvolvimento das forças produtivas, os ideólogos burgueses aprimoram também suas estratégias, visto que já na fase imperialista do capitalismo a tendência é de desconsiderar e enfraquecer a leitura da realidade sócio-histórica como pressuposto à reflexão teórica e de modo conservador (e por vezes reacionário) negar o papel revolucionário do proletariado, agregando a este, valores ideopolíticos fragmentados, que acabam por cindir as relações sociais e econômicas da sociedade.

De acordo com Lukács (2020) os métodos da defesa do capitalismo determinam também um complexo que visa vincular “os sentimentos nacionais com os interesses do imperialismo” (IDEM, p.669), em que “a demagogia da apologética direta fala em instaurar a ordem” (IDEM, p.670). O autor afirma que “estamos diante de uma nova forma de irracionalismo, que se caracteriza por sua aparência de racionalidade”, em que o conteúdo de suas “construções conceituais” é a “pura falta de conceito”, “a construção de conexões não existentes, a negação da legalidade real em função de conexões aparentes, reveladas imediatamente (livres de conceitos) pela imediatividade da superfície da realidade econômica” (IDEM, p.673). O imediatismo científico estorva a elaboração das categorias teóricas, que emperra e afasta a objetividade social da pesquisa e da produção de conhecimento, que são estagnados pelo reflexo “fetichizado” da realidade. Nesse sentido, o resgate aos fundamentos ontológicos da teoria social de Marx, em que destacamos como tarefa do ato de investigar a inerente preocupação de compreender o ser social, para assim desenhar os graus e conexões em seu interior, representando uma proposta analítica de investigação ontológica do ser social, que diferente da vertente clássica, proponha a crítica social fundida à transformação social.

Um dos pontos fundamentais dessa crítica encontra-se na indissociabilidade entre teoria e prática. De acordo com o pensamento social de Marx, a teoria é a reprodução ideal do movimento real, movimento este que reconstitui o objeto que está posto no real pelo pensamento. Nessa perspectiva afirmamos que a teoria não é práxis, pois como apresentaremos a teoria é uma atividade, já a práxis indica um processo de objetivação. O âmbito da teoria no materialismo histórico-dialético é o da produção de conhecimento, da antecipação ideal. É um desencadeador de possibilidades ou de resultados ideais para a ação. O que a teoria modifica de imediato é o conhecimento que se tem sobre o concreto, não o próprio concreto. Já a prática é

DECADÊNCIA IDEOLÓGICA, CRISE DOS PARADIGMAS E OS IMPACTOS NA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO

compreendida, “como ação material, objetiva, transformadora, que corresponde à interesses sociais e que, considerada do ponto de vista histórico social, não é apenas produção da realidade material, mas sim criação e desenvolvimento incessantes da realidade humana” (VÁZQUEZ, 1990, p.213).

O campo da prática é o da efetividade da ação sobre o mundo, que produz uma transformação real desse mundo, resultado este que nem sempre é aquele idealizado. Portanto, teoria e prática não são a mesma coisa, a atividade teórica não se realiza, não produz nenhuma mudança real, ela apenas transforma nossa consciência dos fatos, nossas ideias sobre as coisas, mas não as próprias coisas, diferente da atividade prática, que pressupõe ação efetiva sobre o mundo. Teoria é a apreensão das possíveis determinações que constituem o concreto, já a prática é o processo de constituição deste concreto. O que realmente existe e o que devemos destacar na relação entre teoria e prática é a autonomia, dependência e unidade entre a teoria e a prática, unidade esta que não pode ser confundida com identidade.

Ainda em relação de unidade entre teoria e prática, podemos dizer que a primeira depende da segunda, ou seja, a teoria depende da prática, é ela que determina o desenvolvimento e progresso do conhecimento histórico, vinculado ao processo de transformação da natureza pelo homem, “a teoria é um instrumento de análise do real, esse objeto é anterior à teoria, portanto pode-se inferir que essa última tem na prática seu fundamento” (SANTOS, 2010, p.27). Essa afirmativa pode ser observada quando analisamos a questão da ciência e a produção: as necessidades práticas de desenvolvimento científico variam historicamente, as ciências que progredem com maior rapidez são aquelas que constituem condição essencial para o progresso técnico imposto pela produção. A prática em seu mais amplo sentido, e, particularmente, a produção, evidencia seu caráter de fundamento da teoria na medida em que se encontra vinculada às necessidades práticas do homem social.

Para Vázquez “a prática não só funciona como critério de validade da teoria, mas também como seu fundamento, já que permite superar suas limitações anteriores mediante seu enriquecimento com novos aspectos e soluções” (1990, p.225). A teoria social de Marx ao descobrir as leis fundamentais da produção capitalista, seus conceitos básicos e contradições, fundamentou cientificamente a necessidade da passagem do capitalismo ao comunismo. Mas a prática não é apenas fundamento da teoria, pode ser também sua finalidade, dessa forma, a teoria não corresponderia apenas às necessidades de uma prática existente. Ela poderia também, adiantar-se a ela e influir em seu desenvolvimento, atuando como antecipação ideal de uma prática que ainda não existe.

DECADÊNCIA IDEOLÓGICA, CRISE DOS PARADIGMAS E OS IMPACTOS NA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO

Nesse sentido, o ato de pesquisar e o trabalho do pesquisador que produz conhecimentos sociais, pressupõe um conhecimento concreto – ainda que jamais perfeito – de determinadas finalidades e meios. Assim, vale recuperar que, de acordo com Tonet (2013), em Marx existe uma lógica de prioridade na relação sujeito-objeto, uma vez que, apesar da compreensão ontológica de que o mundo social é produto da ação humana, da sua interação com a natureza e com outros homens, não necessariamente os homens em todos seus estágios de desenvolvimento tem conhecimento de tal questão e se o tem, tal fato não indica que a objetividade do mundo, que o concreto, levando em conta toda a natureza, tudo aquilo que existe tanto no mundo social quanto no mundo natural está plenamente compreendido pelos homens.

No processo de conhecimento, a subjetividade, a *consciência*, tem papel vital, justamente por ser onde o homem trama, se apropria dos elementos existentes na realidade. Logo, o âmbito da *consciência* é o âmbito das possibilidades, da elaboração das formas futuras de ação, de objetivação do ser e do entendimento deste ser no mundo, logo, a subjetividade, justamente por seu caráter determinado e determinante, é capaz de efetivar objetos multiformes, de acordo com as possibilidades de objetivação. É na prática, portanto, que se obtém a confirmação das possibilidades de ação previamente elaboradas na subjetividade (TONET, 2013). Melhor dizendo, é na ação que os homens afirmam e atestam seu conhecimento, tendo a realidade como base para a construção dele. Dito isso, podemos afirmar que só é possível conhecer tendo como fundamento o existente, não sendo possível conhecimento verdadeiro que seja anterior à existência. O objeto não pode existir sem o sujeito, portanto, não há subjetividade autônoma da objetividade, só há subjetivo onde há objetivo. É nesta relação que se desenvolve o processo de investigação sobre a realidade, que, por sua vez, possibilita a produção de conhecimento através da pesquisa científica.

3 - Produção do Conhecimento e Crise dos Paradigmas: a consolidação do ecletismo

O senso comum⁵ perpassa a realidade do ser social em todas as dimensões e, nesse sentido, além do aprofundamento teórico, a pesquisa científica, apresenta ao sujeito a

⁵ Gramsci (1999, p.93) ao debater sobre o senso comum reconhece a necessidade de superação da noção preconceituosa de que a atividade intelectual deva ser exclusiva à uma pequena categoria de profissionais do saber. Relata que é necessário explicitar que todos os homens são filósofos, e que expressam na linguagem um conjunto de noções e conceitos determinados. Afirma a necessidade do avanço do senso comum em direção ao bom senso, através da crítica da própria concepção de mundo, para torná-la unitária e coerente. Para o autor o senso comum pode ser compreendido como uma visão de mundo difundida nas classes subalternas de forma desordenada e assistemática.

DECADÊNCIA IDEOLÓGICA, CRISE DOS PARADIGMAS E OS IMPACTOS NA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO

oportunidade de desvelar a realidade imediata, para além da superficialidade dos fenômenos. Compreender a relação da teoria e da prática é de fato conseguir vislumbrar a articulação destes fenômenos à totalidade das relações sociais. Contudo, nos últimos anos, em particular a partir de 1970, tornou-se lugar comum referir-se à crise dos paradigmas como forma de desqualificar a articulação entre teoria/prática, sujeito/objeto e recusar a análise concreta do real para perspectivas mais atreladas a concepções que salientam um saber fragmentado, pragmático e tecnicista. Ancorados em alguns acontecimentos que marcaram os anos de 1970, como o fim do socialismo real, a eleição de Reagan e Thatcher, a crise de acumulação dos estados de bem-estar europeus, a ascensão de movimentos identitários e os avanços das teses pós-modernas, o marxismo é apresentado como uma teoria social que não conseguiu, de acordo com seus críticos, apreender a dinâmica da realidade ora posta.

Para Tonet (2009) a ideia de crise está relacionada à própria dinâmica do capitalismo. Ou seja, as crises são processos inerentes ao modo de produção capitalista e que, portanto, a “matriz geradora da crise é sempre material e não espiritual” (p.108). Simionatto (2009) considera que na transição dos anos de 1960 a 1970, ocorreram mudanças substanciais na dinâmica capitalista provocando alterações nas várias dimensões da vida social, gerando consequentemente uma crise de ideologias. Para esta autora, o fim do socialismo real na antiga URSS, foi um dos fatores que impulsionaram o questionamento do projeto da modernidade, cenário favorável à difusão da crise dos paradigmas, em que se destacam os “novos paradigmas”⁶.

Para Simionatto (2009), a crise dos paradigmas serviu de pano de fundo para cultivar uma crítica ao marxismo e a “razão dialética”⁷, cedendo espaço ao irracionalismo e ao relativismo. Ou seja, a totalidade passa a ser considerada como algo impossível de ser analisado e em seu lugar dá-se início a uma análise, no campo das ciências sociais e humanas, de teorias que separam o sujeito e o objeto ou melhor dizendo, a teoria e a prática, ou ainda da fragmentação, do micro e das particularidades separadas da totalidade.

Carvalho (1995) relata que os defensores dos novos modelos analíticos sustentam que o marxismo se tornou inadequado para explicar os fenômenos da sociedade contemporânea, devido ao seu caráter abstrato, determinista e teleológico. Para responder a este momento de crise, e ao “novo” capitalismo de base tecnológico e informacional, surgem “novas” ideias para

⁶ Grifos nossos.

⁷ Grifo nossos.

DECADÊNCIA IDEOLÓGICA, CRISE DOS PARADIGMAS E OS IMPACTOS NA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO

explicar a realidade, como por exemplo o ‘indivíduo, o ator social, a ação social, o cotidiano, a identidade, a diferença, o movimento social, a memória, o discurso, o imaginário, o invisível, o inconsciente’ (CARVALHO, 1995, p.17). Na produção do conhecimento estes novos paradigmas se farão notar na escolha dos métodos de análise da realidade. Se o marxismo e sua compreensão ontológica do ser social não encontra mais lugar como método de análise, o caminho se volta para a naturalização desta realidade, desprovida da relação de totalidade que implica na relação entre particular e universal, recaindo na fragmentação, na análise micro, na particularidade desconectada da totalidade. O sujeito separa-se do objeto, o econômico do político, e assim a teoria da prática.

Deste modo, resgata-se a ideia de neutralidade das ciências e da construção do saber, tão cara ao positivismo. Tudo pode ser explicado pela matriz de um pensamento que se advoga neutro, mas está permeado de intencionalidade, de ideologia⁸. Ideologia aqui compreendida como falsa consciência, como compreensão ilusória da realidade, na aparência dos fatos e na disseminação de valores e princípios consonantes com interesses da classe dominante economicamente e espiritualmente. Nesse terreno, o irracionalismo vai configurar-se como um campo fértil para análises micros, do resgate ao conservador, ainda que revestido sob o manto da novidade, além de legitimar uma abordagem metodologicamente sincrética, pois permite o diálogo de vários autores que nada têm em comum, sem qualquer preocupação com a fidelidade a nenhum deles. Desconsidera-se o passado como forma de interpretação do presente, simulando simbologias ancoradas na ideia de um mundo concatenado tecnologicamente e altamente informacional em que o conhecimento adquire forma quase autônoma dando-nos a ideia de que está acessível a todos.

Portanto, o ecletismo teórico-ideológico presente na sociabilidade burguesa, adentra o mundo do saber e rebate diretamente no âmbito acadêmico, caso da universidade que precisa aderir ao projeto educacional burguês. Qualquer tentativa de superar essa concepção deverá ser objeto de grande resistência interna e externa. Portanto, a universidade, assim como todos os níveis educacionais, desempenha o papel, desde os seus primórdios, de reprodução cultural, ideológica de uma forma de pensar e fazer que não deve ser contraposta ao pensamento dominante. Seu surgimento a coloca como campo privilegiado da disseminação e formação de um corpo técnico e apto para atender aos interesses do capital (OLIVEIRA, 2020).

⁸ Não é intenção deste artigo aprofundar o debate sobre o conceito de ideologia. Podemos indicar como referência os textos de Löwy (2015), Konder (2002) ou Marx e Engels (2009).

DECADÊNCIA IDEOLÓGICA, CRISE DOS PARADIGMAS E OS IMPACTOS NA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO

A crescente mercantilização e privatização da educação superior, os cursos na modalidade a distância e suas disciplinas que reproduzem o diálogo dos novos paradigmas, encontram-se em contraposição com um referencial crítico de análise das expressões da questão social. Assinalamos também a crescente subordinação do pensamento ao ideário do pensamento único em que se nota a tendência de misturar vários autores para explicar a realidade. Nesse sentido, a pesquisa volta-se para uma compreensão do sujeito como portador da verdade, valorizando a intuição e o pensamento do sujeito sobre a realidade. Ou seja, a “realidade existe independentemente da vontade do sujeito” (ROCHA, 2005, p.104). Nessa lógica valoriza-se análises apriorísticas, idealistas que negam a totalidade e conseqüentemente o método de análise crítico-dialético.

Ianni (1987) ressalta que ao pesquisar é importante levar em consideração a interpretação dos sujeitos, que também não está descolada da realidade, pois esta é recoberta de perspectivas que precisam ser desvendadas, para podermos explicar o real, mas esse sujeito precisa estar relacionado ao objeto. Nesse sentido, a interpretação não é resultado de algo que é externo ao objeto, ela forma o objeto. De acordo com Marx (1983), não deve existir distância ou exterioridade entre o pensado e o pensamento, pois estes se constituem reciprocamente, já que o conhecimento implica, combina e articula a todo tempo o real ao pensado.

Desta forma, é preciso que a pesquisa, sobre uma configuração histórica, recrie as categorias em determinada conjuntura. Por exemplo, um pesquisador não deve fazer caricaturas, transpondo noções de realidades diferentes. Deve ser elaborada uma nova pesquisa recriando as categorias conforme a configuração histórica. Ianni (1987), afirma ainda, complementando o conceito sobre categoria, que esta “é a explicação dialética, ela apanha o movimento do real, percorrendo os vários momentos lógicos da reflexão”. No pensamento dialético⁹ é evidente que realidade e pensamento não estão dissociados, e, por isso, o papel do pensamento, da teoria, da reflexão, do conhecimento e da constituição das práticas sociais é enorme nesse intercâmbio entre pensamento e realidade. Ao mesmo tempo que este pensamento se constitui, se desenvolve e se articula, adentra a constituição do real, podendo, portanto, ser considerado como prático teórico ou prático-crítico.

Ao desmistificar a dicotomia entre teoria e prática, faz-se necessário inferir que a pesquisa científica possibilita a “construção de categorias”, que para Ianni (1987) podem ser

⁹ Para Kosik “a dialética trata da ‘coisa em si’. Mas a ‘coisa em si’ não se manifesta imediatamente ao homem. Para chegar à sua compreensão, é necessário fazer não só um certo esforço, mas também um détour. Por este motivo o pensamento dialético distingue entre representação e conceito da coisa” (KOSIK, 1986, p.9).

DECADÊNCIA IDEOLÓGICA, CRISE DOS PARADIGMAS E OS IMPACTOS NA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO

traduzidas em “conceitos”, leis, núcleos e desfechos da reflexão dialética. A construção de categorias analíticas é como buscar cientificamente explicar acontecimentos, e esta construção é resultado da reflexão sobre o fato ou objeto que está sendo pesquisado. A proposta implica que o pesquisador se coloque diante do fato sempre interrogando-o sobre todos os aspectos e perspectivas, que não se dão a conhecer de imediato. Uma vez que a realidade é complexa, heterogênea e contraditória, apresentando diversas facetas e peculiaridades.

A categoria só pode ser pensada como fruto de um processo histórico, pois possui uma relação com a realidade sobre a qual ela refletiu. A categoria resulta numa explicação que mantém a historicidade daquele momento e configuração, podendo ser também recriada, agregando entonações diferentes, a partir de uma reflexão dialética da realidade. A realidade (que difere da totalidade) não se apresenta aos sujeitos à primeira vista, ela surge como o campo em que se exercita “a sua atividade prático-sensível, sobre cujo fundamento surgirá a imediata intuição prática da realidade”. Assim a realidade é a “unidade do fenômeno e da essência” (KOSIK, 1986, p.12). O autor indica a existência nessa realidade de um “mundo pseudoconcreto”, em que os fenômenos revelam a essência, e ao mesmo tempo a escondem.

Para Marx (1983), a categoria que se constrói pela reflexão é vista na pesquisa associada a um fato sobre o qual o pesquisador se debruça, procurando conhecê-lo através da reflexão, desvendando relações, processos e estruturas que constituem tal fato ou objeto. O método consiste na elevação do abstrato ao concreto, ou seja, no processo de abstração e de reprodução mental do movimento real. É, segundo Netto (2009), a necessária intermediação entre o pensamento, o conhecimento subjetivado e a própria realidade. Momento em que o sujeito ontologicamente ativo e cognoscente, capta o movimento próprio da realidade, na forma de abstração para voltar-se ao real e dele se apropriar para recriá-lo no pensamento e reconstruí-lo racionalmente como conhecimento científico. A força da abstração seria, portanto, nas palavras de Chasin (2009), o momento essencial de captura da realidade no pensamento, visando reproduzi-la como conhecimento, para ao mesmo tempo transformá-la. Assim, a abstração, como atividade do pensamento, é sempre marcada, guiada pela firmeza mesmo do objeto abstraído.

Tendo a abstração como processo essencial na formação do conhecimento da realidade social, a partir das determinações que a conformam, devemos levar em conta que o processo de abstração é particularmente peculiar ao ‘método’ na teoria social marxiana, pois considera a *historicidade*, a *ontologia* e a independência do objeto em relação ao conhecimento do sujeito. Esses procedimentos serão fundamentais para diferenciar uma pesquisa voltada para construção

DECADÊNCIA IDEOLÓGICA, CRISE DOS PARADIGMAS E OS IMPACTOS NA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO

de aportes vinculados à realidade concreta. A abstração deve ser colocada nesse mesmo patamar, tornando-se o divisor de águas entre a teoria social marxiana e outras correntes não filiadas a essa teoria, uma vez que, via abstração não há análises apriorísticas, pois esta possui como determinação central o próprio real. Ao construir o processo de conhecimento tendo como base os elementos supramencionados, a reprodução do concreto na forma de pensamento, deve efetivamente partir do real para o pensamento, das determinações da realidade traduzidas na forma de pensamento, e não no seu sentido inverso, ou seja, numa espécie de adequação da realidade ao pensamento, do objetivo como momento preponderante.

Neste sentido, conhecer tais relações, processos e estruturas, implicam em desvendar as determinações constitutivas do real. Por isto, o concreto alcançado, como já citado anteriormente, é o concreto pensado. Para a consciência, portanto, o movimento dialético das categorias surge como um ato de produção do real, que se desenvolve na medida em que trabalha e articula essa realidade, esses fatos, essas relações e esses processos. A consciência considera que o pensamento é que concebe e constitui o homem real, e, por conseguinte, o mundo só é real enquanto concebido e pensado. O processo de pensar é o processo de constituir o mundo. Para a consciência, portanto, o movimento das categorias surge como um ato de produção real, que recebe um simples impulso do exterior.

Segundo Netto (2009), a questão do método “é um dos problemas centrais da teoria social”, no caso do método marxiano, esse sempre foi alvo de polêmicas, pois para além de sua perspectiva teórica, traz em si uma questão ideológica de ruptura com a ordem do capital, contrariando os interesses dominantes economicamente. Outra questão é que ele não oferece um conjunto de normas e regras para sua utilização, mas exige um esforço do pesquisador de contemplar, mas é a estrutura e a dinâmica do objeto que comandam os procedimentos do pesquisador, para que, na sua relação com o objeto, extraia dele suas múltiplas determinações. Cabe salientar que, os objetos não são “inocentes”, não estão soltos no espaço, como se eles saíssem do nada. Na verdade, são carregados de significados¹⁰.

Dentro do pensamento marxiano é impossível analisar o método sem a necessária referência teórica, e igualmente a teoria social marxiana é “incompreensível” sem a consideração do seu método. As categorias constituem parte fundamental desse processo, tendo em vista sua constituição como síntese reflexiva do método e essenciais para a formulação de um conhecimento de totalidade. Assim, as categorias extrapolam os conceitos, justamente

¹⁰ Prates (2005) sintetiza o método materialista histórico-dialético, explicando-o em três principais características constitutivas: a perspectiva de totalidade, de historicidade e a contradição dialética (PRATES, 2005, p.134-142).

DECADÊNCIA IDEOLÓGICA, CRISE DOS PARADIGMAS E OS IMPACTOS NA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO

porque não são fixas, dadas ou imutáveis, pelo contrário, estão sempre em processo de mudança, porque acompanham as alterações que ocorrem no próprio objeto, revelando sua historicidade e transitoriedade como nos revela Marx (1985).

E nessa conexão encontram-se articuladas três categorias: totalidade, contradição e mediação. A totalidade concreta e articulada que é a sociedade burguesa é uma totalidade dinâmica, ou seja, seu movimento resulta do caráter contraditório de todas as totalidades que a compõem, as totalidades apresentam contínua transformação, e sem as contradições as totalidades seriam “inertes”. Guerra (2009) afirma que durante o processo de conhecimento do objeto, através do movimento de decomposição e recomposição da totalidade – que são realizados no e pelo pensamento do sujeito – é possível compreender o contexto determinado no qual se situa o objeto, os elementos que o compõe, como são e como se comunicam, bem como as relações que estabelecem. Durante o movimento de decomposição identifica-se e conhecem-se as totalidades parciais que compõem a totalidade mais ampla e suas relações. Já no movimento de recomposição, percebe-se como as totalidades se vinculam e se articulam atribuindo particularidades a essa totalidade mais ampla e complexa.

No que se refere ao debate da pesquisa, cabe tratar da complicada dialética da essência e aparência, da qual Coutinho (2010) aborda em seus estudos, e são de grande relevância para este tema. Tanto a aparência quanto a essência são momentos constitutivos do real e entre si podem apresentar contradição ou antagonismo. Em “uma representação científica da realidade, bem como uma práxis ampla e eficaz, demanda o estabelecimento de uma mediação dialética entre os mesmos, na qual a aparência seja dissolvida na totalidade que revela a essência” (COUTINHO, 2010, p.38). Desse modo, quando no processo de pensamento não há como superar o imediatismo e o espontaneísmo, ou seja, as características próprias do cotidiano, não se pode superar a descrição da forma aparente, e alcançar a reprodução da essência, fetichizando esta forma autônoma e universal da aparência.

Essa incapacidade de atingir a essência, não é própria apenas dos pesquisadores, mas surge espontaneamente em todos os indivíduos que vivem nessa fase do capitalismo evoluído. No entanto, há de distanciar da aceitação da alienação, de compreender como condição humana o dilaceramento histórico que a alienação capitalista introduz na vida humana por meio de diversos mecanismos. A produção do conhecimento não se exclui desse momento, pelo contrário é um dos elementos fundamentais para garantir a alienação e a defesa de projetos de continuidade com a ordem posta.

DECADÊNCIA IDEOLÓGICA, CRISE DOS PARADIGMAS E OS IMPACTOS NA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO

Seguindo as premissas citadas, inferimos que o conhecimento nunca é definitivo, uma vez que é sempre aproximativo, e quanto mais ele se aproxima do real, mais verdadeiro ele é. O conhecimento pode transformar a consciência do sujeito, sendo um combustível para a transformação da realidade. A boa teoria é, portanto, aquela que consegue extrair da realidade seus elementos essenciais, tendo na prática a possibilidade de sua verificação efetiva.

Em síntese, a partir da compreensão do processo de constituição do método marxista é importante constatar que pesquisar deve significar ir além do entendimento formal colocado nos dicionários. De acordo com Ianni (1987), a investigação, ou melhor, a pesquisa de cunho empírico é fundamental e auxilia a mapear, registrar fatos e a entender as relações. Porém, a pesquisa corre o risco de ficar no nível das “aparências”, caso se considere apenas o registro de opiniões e tomando as expressões dos sujeitos como realidade. Ou seja, seria permanecer no nível da aparência e do fantástico. Embora estas representem também um nível do real carecem de outras determinações que constituem o objeto a ser pesquisado. Determinações que envolvem a compreensão da realidade dinâmica e do conhecimento ser sempre aproximativo, pois, caso ocorresse ao contrário, toda ciência seria desnecessária, e não precisaria de investigação para se conhecer a realidade (já que nesta linha cada um teria sua verdade – “subjetivismo”).

Considerações finais

O processo de pesquisa exige do pesquisador o domínio de fundamentos teóricos, de um método de construção de conhecimento, de procedimentos metodológicos coerentes com o objeto de investigação e o exercício da criatividade – qualidade necessária à elaboração de respostas inovadoras às problemáticas de pesquisa. Sob a orientação de uma teoria crítica de análise da realidade, pesquisar pode significar o desvendamento de diversas determinações do objeto a ser estudado – partindo da aparência para a essência. A pesquisa, portanto, pode tanto estar sintonizada com as demandas postas pelas grandes transformações societárias e seus desdobramentos nos diversos campos, como também gerar novos conhecimentos, possibilitando a descoberta de novas tecnologias e demandas.

Concluimos, portanto, esse estudo reafirmando a essencialidade da pesquisa e da produção de conhecimento na sociedade capitalista, através de uma perspectiva teórica, histórica e metodológica da realidade, capaz de proporcionar e desvendar seus fundamentos histórico-dialéticos. Entendemos que as discussões acerca da pesquisa, frente a decadência

DECADÊNCIA IDEOLÓGICA, CRISE DOS PARADIGMAS E OS IMPACTOS NA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO

ideológica e a crise dos paradigmas não se findam e devem ser travadas cotidianamente, com parâmetros analíticos rigorosos, para não pautamos nossas ações sob um conhecimento fragmentado, reducionista ou ainda eclético, catalogado na aparente e imediata realidade. Ressaltamos que tais análises favorecem a manutenção da ordem e não seu rompimento.

Referências bibliográficas

CARVALHO, A. M. P. **O desafio contemporâneo do fazer ciência: em busca de novos caminhos/descaminhos da Razão**. Revista Serviço Social e Sociedade, n° 48, Ano XVI, ago, p. 5-34, 1995.

CHASIN, J. **Marx: Estatuto ontológico e resolução metodológica**. São Paulo: Boitempo, 2009.

COUTINHO, C. N. **O estruturalismo e a miséria da razão**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

GRAMSCI, A. **Cadernos do Cárcere**. Volume 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

GUERRA, Y. **A dimensão investigativa no exercício profissional. Serviço Social: Direitos Sociais e Competências Profissionais**. Brasília: CFESS, ABEPSS, 2009.

IANNI, O. **A construção da categoria**. (mimeo), 1987.

_____. A crise dos paradigmas na Sociologia: Problemas de explicação, 1991. Disponível em: http://www.anpocs.com/images/stories/RBCS/13/rbcs13_05.pdf Acesso em: 27 jul. 2022.

KOSIK, K. **Dialética do concreto**. Trad. Célia Neves e Alderico Toríbio. 4ª. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

KONDER, L. A questão da ideologia em Marx. In: KONDER, L. **A questão da ideologia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

LÖWY, M. Ideologia. In: LÖWY, M. **Ideologias e ciência social: elementos para uma análise marxista**. 20. ed. São Paulo: Cortez, 2015.

LUKÁCS, G. **As bases ontológicas do pensamento e da atividade do homem**. Revista: Temas de Ciências Humanas, São Paulo: Ciências Humanas, 1978.

_____. **Sociologia. A decadência ideológica da burguesia**. Coleção Grandes Cientistas Sociais. Ática, 1992.

_____. **A Destruição da Razão**, São Paulo: Instituto Lukács, 2020.

MARX, K. **Contribuição à crítica da economia política**. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

DECADÊNCIA IDEOLÓGICA, CRISE DOS PARADIGMAS E OS IMPACTOS NA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO

_____. **A miséria da filosofia**. São Paulo: Global, 1985.

MARX, K; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

NETTO, J. P. **Introdução ao método da teoria social**. Serviço Social: Direitos Sociais e Competências Profissionais. Brasília: CFESS, ABEPSS, 2009.

OLIVEIRA, E. A. **Redemocratização e Serviço Social: os caminhos do Serviço Social no Brasil pós 1985**. Curitiba, Brasil: Editora CRV, 2020.

PRATES, J. C. **O método e o potencial interventivo e político da Pesquisa Social. Pesquisa e Produção de conhecimento em Serviço Social**. Revista Temporalis, ano V, n.9, 2005.

ROCHA, S. N. R. **A influência do ecletismo na produção teórica do Serviço Social na contemporaneidade** (Tese de Doutorado). Recife, UFPE, 2005.

SANTOS, C. M. **Na Prática a teoria é outra? Mitos e dilemas na relação entre teoria, prática, instrumentos e técnicas no Serviço Social**. Rio de Janeiro: Lumen Juris editora, 2010.

SIMIONATTO, I. **Expressões ideoculturais da crise capitalista na atualidade e sua influência teórico-política**. Questão social e direitos. In: Serviço Social: direitos sociais e competências profissionais. Brasília: CFESS/ABEPSS, 2009.

TONET, I. **Método Científico: uma abordagem ontológica**. São Paulo, Instituto Lukács, 2013.

_____. **Expressões socioculturais da crise capitalista na atualidade**. Questão social e direitos. In: Serviço Social: direitos sociais e competências profissionais. Brasília: CFESS/ABEPSS, 2009.

VÁZQUEZ, S. A. **Filosofia da Práxis**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.